
II CONGRESSO ÉTNICO

RACIAL

DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



PRAÇA 13 DE MAIO EM ITUIUTABA-MG: Espaço do Sagrado e do Profano

Carlos Antonio dos Santos,

Universidade Federal de Uberlândia

carlossantos@iftm.edu.br

INTRODUÇÃO

A religiosidade de um povo é parte de sua cultura incorporada e manifesta em seus rituais de enunciação de algo que lhes é sagrado. Ao mesmo tempo, demonstra o sentido de acreditar naquilo que está acima da compreensão humana, que não é palpável nem visível, mesmo assim, capaz de conferir significado que só é compreendido mediante a fé.

Desde os tempos das aldeias o sobrenatural permeia o imaginário humano naquilo que se convencionou chamar de sagrado. A demonstração de fé explica a esperança, da mesma forma que a esperança não se afasta da fé nem da crença na proteção e no amparo. Talvez isso seja reflexo, ainda naquele tempo, da segregação que distanciava os grupos sociais.

A formação das cidades nos tempos vindouros herda da religiosidade sua cultura e mantém um direcionamento ao sagrado que resiste ao tempo. Ituiutaba é uma, dentre tantos exemplos, de cidades interioranas onde a chama da religiosidade ancestral continua acesa. E a Praça 13 de Maio, talvez a expressão máxima de manifestação do sagrado em relação à religiosidade de matrizes africanas, cujo sincretismo cuidou de incorporá-la à religião católica.

Sob uma perspectiva apropriada ao momento histórico e em respeito à religiosidade africana, fundou-se neste espaço a Igreja de São Benedito instituindo, em definitivo, o sincretismo religioso. A homenagem a um dos poucos santos negros do catolicismo

II CONGRESSO ÉTNICO

RACIAL

DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



aproximou a igreja católica daquela comunidade negra. A condição de negro e analfabeto, de Benedito, era aspecto por meio do qual os negros daquela Ituiutaba se identificavam.

Atualmente, tanto a Praça 13 de Maio quanto a Igreja de São Benedito são referências à comunidade negra, espaço de manifestação de sua fé, sua religiosidade e sua crença. Assim, o interesse em investigar este espaço emerge de reflexões, questionamentos e recortes na busca por compreender o impacto dos rituais ali realizados, sobre a sociedade tijuicana, sobretudo, quando da realização da tradicional Festa da Irmandade de São Benedito.

Muitas são as histórias e mistérios que envolvem as religiões de matrizes africanas. Não haveria melhor espaço para mergulhar no sincretismo religioso, senão a Praça 13 de Maio e a Igreja de São Benedito. Aqui também, poder-se-á conhecer as tradições das famílias de congadeiros da Irmandade de São Benedito. Campo fértil para abordar o sagrado e o profano, este último numa conotação negativa desta paragem religiosa.

Portanto, o estudo pretende estabelecer um diálogo entre os rituais sagrados dos Ternos de Congada e o território profano da Praça 13 de Maio, buscando explicar sua ocupação e apropriação de território com ressignificação, passando de profano a sagrado.

Para tanto, a investigação partirá da idealização e construção da Praça 13 de Maio, passando por sua historicidade e representatividade para a comunidade tijuicana e chegando aos rituais realizados pelos congadeiros durante a festa em louvor a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, coordenada pela Irmandade de São Benedito.

Dentre os rituais há dois que desde a mais tenra idade comove o coração: o hasteamento e descerramento das bandeiras de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário. São momentos tão especiais que é inadmissível a qualquer congadeiro perder estes rituais. Tamanha é a manifestação de fé que é visível a qualquer um o encantamento, a magia, a seriedade e a disputa por espaço pelos presentes, nestes momentos da festa. É daí, do olhar compenetrado de um homem iletrado, que surgiu o anseio de uma criança em tentar compreender a ancestralidade da qual faz parte.

Sob outra vertente, tem-se que a Praça 13 de Maio, tal como as demais, cumpre sua função social de ser um local de lazer à disposição da comunidade tijuicana, conforme Decreto n. 449, de 29 de dezembro de 1967, que declara este espaço como de utilidade pública. Contudo, o grande diferencial está em sediar, uma vez por ano, a festa religiosa em louvor aos

II CONGRESSO ÉTNICO

RACIAL

DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



santos de devoção da comunidade negra local. A bem da verdade, o território geográfico em que foi erigida a Praça já era, historicamente, um espaço pertencente à comunidade negra, haja visto que, antes de existir, no local havia um campo de futebol pertencente ao Palmeiras Clube, fundado e frequentado por negros como forma de resistência sociocultural e econômica.

Nos dias atuais, a Praça congrega em seu entorno as principais instituições sociais e representativas da comunidade negra: Irmandade de São Benedito, Terno Camisa Rosa, Terno Camisa Verde, Terno Lua Branca, Igreja de São Benedito, Palmeiras Clube, Bairro Junqueira (resistência cultural do samba), Escola Municipal Machado de Assis, Grupo de Estudo e Consciência Negra, Fundação Zumbi dos Palmares, PREVESTI (curso pré-vestibular para alunos negros e carentes de Ituiutaba), dentre outros. Ainda, em seu entorno e nas proximidades residem os principais nomes que representam estas instituições. Cada uma destas instituições tem um papel relevante na luta pela ocupação e apropriação de territórios e na conquista e manutenção do poder pela Comunidade Negra Tijucana.

Assim, no decorrer dessa pesquisa, propõe-se produzir dados e informações suficientes para compreender a tradição religiosa de matrizes africanas enquanto fenômeno sociocultural e econômico, explicando também a ocupação e apropriação de território que se configurou no espaço de realização da festa da Irmandade de São Benedito, na cidade de Ituiutaba-MG.

Vale ressaltar a questão central do estudo, que é desvendar os rituais que tornam esse lugar sagrado, reconhecendo a relação da gênese e a dinâmica deste espaço de manifestação da fé sua recriação pela pulsação rítmica e sistemática que ocorre a cada íterim religioso.

Para atingir os objetivos da pesquisa, o estudo será constituído essencialmente de pesquisas bibliográficas e documentais, buscando retratar desde o surgimento do município de Ituiutaba e a ocupação, pelos negros, do espaço que hoje é a Praça 13 de Maio.

As informações e dados históricos serão pesquisados no acervo municipal e, de forma específica e direcionada, no acervo histórico das instituições sociais e representativas da comunidade negra tijucana. Tudo isso voltado a traçar um perfil historiográfico da tradicional Festa da Irmandade de São Benedito, contrapondo ao uso público da praça, necessário à concepção de “espaço do sagrado e do profano”.

II CONGRESSO ÉTNICO

RACIAL

DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



1. FESTA DA IRMANDADE DE SÃO BENEDITO E NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO – ITUIUTABA

As Irmandades surgiram como “sociedades fechadas com cunho religioso que, além de servirem como elemento ordenador da estratificação social e contendor de possíveis conflitos sociais eram ainda um atestado de pertencimento à sociedade”. (TOMAZ, 2000, p.33).

Sua história evidencia a resistência dos negros às imposições e proibições da Igreja Católica, sob a alegação de que os congadeiros não seguiam à religião, mas sim a outras de origem africana.

Naves e Katrib (2012, p.6), em recente estudo sobre a cultura, identidade e religiosidade em Ituiutaba-MG, começam assim a contar a história do surgimento da Irmandade de São Benedito:

Segundo relatos orais dos congadeiros locais, os festejos em louvor a São Benedito aconteciam em fazendas nos arredores da cidade. Com o devir do tempo, a festa tornou-se conhecida e, após, trazida para a cidade de Ituiutaba. Contudo, o pároco da época não aceitou que os congadeiros adentrassem e permanecessem dentro da Igreja, proibindo a realização da festa no local. Esta proibição se deu sob a alegação de que os congadeiros não seguiam a religião católica, mas sim outras de origem africana.

Neste mesmo ínterim, nos arredores da cidade, o Sr. Demétrio Silva da Costa, conhecido por (Cizico), querendo homenagear sua esposa, a Sra. Geralda Ramos da Silva, em razão do seu aniversário em 2 de abril de 1951, convida seu pai e seu irmão para brincarem de Moçambique. Da brincadeira, fez-se a tradição de Moçambique. (NAVES; KATRIB, 2012).

Ao saber do gesto do Sr. Cizico, sua prima Anna Carolina Ribeiro, conhecida por Dona Rosa, convida o grupo recém-formado para levarem o Terno de Moçambique a Ituiutaba e reascender a devoção a São Benedito. Convite aceito, um grupo se dirigiu ao pároco da época, o Padre João Ave, para comunicá-lo e pedir licença para, juntamente com a igreja, realizarem a festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Mais uma vez o pároco não autorizou. (NAVES; KATRIB, 2012).

Em 1952, como sinal de protesto contra a atitude do padre, o recém-criado terno resolve ensaiar na rua, como explicam Naves e Katrib (2012, p.6).

II CONGRESSO ÉTNICO

RACIAL

DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



O grupo desceu a Avenida 22 às 5hs. Fizeram alvorada com fogos, música e dança na frente do Fórum local conseguindo o consentimento da justiça para realizarem os festejos na cidade. Se precavendo anteriormente tendo em mãos a autorização por escrito da Delegacia de Polícia para realizar o evento. Após, o grupo se dirigiu para a Igreja Matriz São José, onde adentraram ao recinto e assistiram à missa, porém os instrumentos foram deixados do lado de fora da Igreja por ainda não ser permitido adentrar na mesma tocando-os. Após, os congadeiros saíram em visita a várias residências cantando e louvando aos santos protetores pelas ruas da cidade.

A grandiosa festa que acontece nos dias atuais deve muito à coraçaõ e resistênciã dos congadeiros em meados do século XX. E a festa acontecia sem que existisse, oficialmente, uma irmandade, tampouco tinham o apoio da igreja. Mas por se tratar de uma festa religiosa, faziam questão do reconhecimento da Igreja Católica, o que só aconteceu em 1956, depois de um processo de reestruturação do Congado na cidade. (NAVES; KATRIB, 2012).

Ainda de acordo com Naves e Katrib (2012, p.7):

O grupo agora, organizado, trava uma queda de braços com o pároco da Igreja, o qual passa a fazer uma série de exigências aos congadeiros para que ele conceda-os espaço no local. Uma dessas exigências foi a de que os congadeiros abraçassem realmente a fé católica. Acatando ao pedido do padre os devotos receberam todos os sacramentos (batismo, primeira eucaristia, casamento, etc.). Outra exigência era a de que os congadeiros tivessem participação ativa nas cerimônias religiosas, assim a festa passaria a ter algum vínculo com a Igreja.

Cumpridas as exigências, funda-se a Irmandade de São Benedito, que recebeu no ano de 1957, do Padre João Ave, autorização oficial para seu funcionamento. O primeiro presidente da Irmandade foi o Sr. Geraldo Clarimundo da Costa, que exerceu este cargo, ininterruptamente, até 1988, quando veio a falecer. (NAVES; KATRIB, 2012).

Com a criação da Irmandade de São Benedito, em 13 de maio de 1957, os congadeiros passam a ter seu próprio grupo religioso dentro da Igreja, não somente com função religiosa, mas também cultural organizando e coordenando os ternos de Congado de Ituiutaba.

De acordo com os dados históricos levantados por Naves e Katrib (2012, p.7):

Foi através da criação da Irmandade de São Benedito que os congadeiros ganharam permissão para festejar na Igreja. Foi através dela também que eles levantaram capital para, mais tarde, comprar o terreno e erguer a Paróquia de São Benedito. Foi através dos membros participantes da Irmandade que se criaram também a Fundação Zumbi dos Palmares, o Grupo de Estudos e Consciência Negra e o Movimento Negro de Ituiutaba.

II CONGRESSO ÉTNICO

RACIAL

DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



Há mais de 60 anos que em Ituiutaba duas famílias se reúnem para entoar cânticos e ressoar tambores em louvores às tradições africanas e aos santos católicos. E em especial, a festa segue uma programação religiosa que se inicia com uma peregrinação pelas residências em que são realizados leilões e a reza do terço, com o intuito de angariar recursos financeiros para o custeio do dia da festa da Congada.

Nos dias que antecedem a festa faz-se a novena, a reza do terço e a celebração de missas na Igreja de São Benedito, preparadas pelos ternos e congadeiros que compõem a Irmandade. Contudo, o cume da programação passa-se no dia e na véspera.

Dada a grandiosidade da festa e a importância histórica e cultural da resistência dos negros tijucanos, em meados do século passado, vale aqui replicar a Apresentação do livro *Da senzala à capela*, escrita por João Marcos Alem (2000, s/n):

Acontece todos os anos, em milhares de cidades, nos milhares de interiores dessa terra brasilis. São as Congadas, os Moçambiques, os Catupés e Marujadas. Em palcos públicos apresentam Beneditos e Antônios, Joões e Josés, mostram Marias, Ifigêneas e Rosárias como nunca são vistos, belos e alegres, misteriosos e altivos, densos de história extraordinária. Em cenas de primeiro plano, dramatizam sua memória de fé em uma liturgia fantástica e festiva, cheia de tradição e novidades a cada ano. Seus batuques, danças e cantos invadem portas e janelas, tomam as casas, as ruas e as igrejas, subvertem a paisagem cotidiana, tediosa, quando não violenta, das cidades, ganham olhares e corações, oferecem a vida conquistada desde senzalas de ontem e as periferias pobres de hoje.

A véspera da festa os ternos enfeitam e afinam seus tambores e finalizam suas vestes e adereços. Há aqueles que guardam seus congadeiros à noite. Nos quartéis a movimentação é intensa. Há a preparação dos alimentos, garrafadas, pedidos de bênçãos e proteção aos congadeiros e à realização da festa. Eis que no dia, antes mesmo do raiar do sol, os tambores já anunciam a alvorada, desfilam pelas ruas da cidade, com suas fardas e ressoando seus tambores, diversos congadeiros e ternos. E a cidade é acordada entre fogos, cânticos, tambores, caixas, patangomas e as cores das fardas que identificam e dão identidade aos ternos de congada.

Ao saírem em alvorada todos os ternos se direcionam à Praça 13 de Maio, local em que também se encontra a Igreja de São Benedito. É na Praça que eles entoam seus cânticos e pontos saudando os santos de devoção, os ancestrais e o público que se faz presente. Dada à hora, adentram a Igreja para celebrar a primeira missa do dia em louvor a São Benedito, a Nossa Senhora do Rosário e a Irmandade de São Benedito.

II CONGRESSO ÉTNICO

RACIAL

DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



Findada a missa é hora de marcar o território, de instaurar o período de sacralidade da praça, de instituir o elo entre o céu, a terra e os mundos inferiores. É hora de erguer no mastro as bandeiras de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, conforme aparece na foto 1.



Foto 1: Hasteamento da Bandeira de São Benedito, pelo prefeito Fued Dib na Festa da Irmandade de São Benedito em 2007. Fonte: Arquivo pessoal de Luciane Dias Gonçalves (2007).

Estabelecida à sacralidade da Praça 13 de Maio, segundo a crença e fé religiosa dos congadeiros e da comunidade negra tijucana, os ternos se apresentam, no centro da Praça, para o público para autoridades presentes. E é esse ritual de sacralização do território geográfico e estabelecimento de um elo com as energias cósmicas que regem o universo, que se prenderá esse estudo.

Uma vez tendo se apresentado, os ternos seguem em rumos desconhecidos do público, com destino ao café da manhã oferecido por famílias devotas, em diferentes lugares. As horas já adentram o período da tarde e, apressados os ternos tentam em vão cumprir os horários das visitas sem atrasar o almoço, que acontece tanto no pátio da Igreja como nos quartéis dos ternos de congada.

Refeitas as energias pela refeição, há um breve período de descanso em que os Capitães se reúnem para um momento formativo das tradições africanas. São discutidas as condições do Reinado e também é traçado o percurso da procissão com os Reis, Rainhas e as imagens de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. O Reinado se finda na Igreja com a

II CONGRESSO ÉTNICO

RACIAL

DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



missa e a apresentação dos ternos aos Reis e Rainhas, numa solene demonstração de submissão, reconhecimento do poder e respeito às tradições de matrizes africanas.

O anoitecer já toma conta da cidade e é hora de desfazer o elo estabelecido entre o céu, a terra e os mundos inferiores: o mastro com as bandeiras. É um momento sublime, de magia e comoção, sensação de dever cumprido. É momento de se despedir, agradecer e ter a certeza de que no ano que vem todos estarão reunidos mais uma vez.

A essência de todos esses rituais é a espiritualidade advinda das religiões africanas, como o Candomblé e a Umbanda, em consonância com as permissões da Igreja Católica Apostólica Romana. A Congada é uma manifestação da resistência cultural afro-brasileira, que encontra dentro sincretismo religioso um meio de resistir ao domínio e a imposição etnocêntrica dos valores culturais e religiosos do homem branco; uma forma de sustentar sua fé, sua história e ancestralidade com a manutenção de seus rituais religiosos.

2. O SAGRADO E O PROFANO

A ciência geográfica incumbiu os geógrafos da religião de explorar o universo das representações mentais e de compreender como essas representações se inserem na paisagem e na organização do espaço.

Na opinião de Rosendahl (1996, p.23):

De acordo com esse novo paradigma de conhecer o homem, não somente em sua percepção do mundo, mas também pelo imaginário que elabora acerca do meio em que vive, torna-se possível uma reflexão do fenômeno religioso na geografia.

Assim, com a geografia da religião, pretende-se compreender o sentido que a religião dá à razão humana, bem como a vivência e a prática religiosa como caracterizadoras dos territórios geográficos, situando a Praça 13 de Maio como um espaço em que sagrado e profano se entrelaçam. A realização da Festa da Irmandade de São Benedito quebra com a realidade cotidiana ao instaurar símbolos, sentidos e valores que transcendem o real vivido, da função social que a Praça exerce: local de lazer, desportos, passeio, arborização, e que ao receber os Ternos de Congada com seus estandartes, cânticos, tambor, bandeiras, se instaura uma reorganização do cosmos.

II CONGRESSO ÉTNICO

RACIAL

DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



Eliade (1992, p.17) descreve o seguinte: “Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo ‘de ordem diferente’ – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo ‘natural’, ‘profano’”.

Aqui, busca-se compreender esses rituais de reorganização do cosmos, pois, são eles que unem os indivíduos e a sociedade; são eles que dão sentido às práticas religiosas, fazendo com que os indivíduos compreendam a sociedade da qual são membros e as relações que mantêm com ela. As religiões antigas não só definiam os objetos de culto, como também demarcavam o espaço sagrado em que deveriam ocorrer as práticas religiosas. Assim, a ideia de religião está associada à ideia de sagrado, e ambas se manifestam no território geográfico.

Compreende-se por sagrado algo que “manifesta-se sempre como uma realidade de ordem inteiramente diferente da realidade do cotidiano” (ROSENDAHL, 1996, p.27), sendo perceptível ao homem por ser inteiramente diferente do profano, é uma hierofania, ou seja, algo de sagrado que se nos revela. Instaure-se aqui o paradoxo de toda hierofania, que é: ao manifestar-se o sagrado em um objeto isto o torna sacro e ao mesmo tempo ele mesmo. O objeto passa a fazer parte de duas dimensões distintas e ao mesmo tempo unidas: o sagrado e o profano. Sacro por manifestar nele o sagrado e profano por não se distinguir dos demais objetos de mesma espécie.

Segundo Saraceni (2008, p.95):

O ritual identificador de uma religião tem como função envolver, estimular e congregar em um mesmo nível vibratório mental e religioso todos os seus fiéis. É quando todos os seres reunidos em um mesmo espaço desarmam seus emocionais, anulam suas intolerâncias, animosidades, receios, medos e angústias e passam a vibrar em um mesmo sentido a fé em Deus.

Há no homem uma necessidade de buscar o sagrado, uma disponibilidade ao divino, uma procura por um poder transcendente que possam, por intermédio desse, orientar e ordenar suas vidas.

Por intermédio dos cânticos e do ressoar dos tambores os congadeiros dão início ao ritual de sacralização do território geográfico da praça, ao estabelecimento da ordem e da organização do caos.

II CONGRESSO ÉTNICO

RACIAL

DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



De acordo com Rosendahl (1996, p.29): “O momento religioso da consagração do mundo [...] é o momento em que o território desconhecido, desocupado e na escuridão do caos, é transformado simbolicamente pelo homem em Cosmos, mediante a repetição ritual da Cosmogonia”.

É nesse instante, quase que imperceptível aos olhos desatentos, que a praça deixa de ser um território comum de práticas esportivas, de lazer, desporto e cultura para efetivar a sacralidade dos gestos, cânticos, danças e clamores dos congadeiros. Isso se torna mais claro, quando se analisa alguns dos momentos, rituais e cânticos que conseguem congregam a população numa energia cósmica, emocional e religiosa que emana e toma conta da praça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar um pouco das singularidades que caracterizam a tradição da Festa da Irmandade de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, da cidade de Ituiutaba-MG, além de satisfazer um desejo pessoal oportunizou uma maior aproximação com parte dos costumes religiosos de matrizes africanas enquanto manifestação também cultural.

Dada a riqueza de conteúdo cultural pertinente ao assunto pesquisado, este estudo foi uma breve viagem sem a intenção de esgotar o tema. Contudo, suficiente para reconhecer a importância religiosa e cultural, especialmente para a comunidade negra tijucana, da Festa da Irmandade de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, que insere a Praça 13 de Maio como espaço de manifestação da fé no sagrado.

Outra vertente estudada foi a linha tênue que separa o sagrado do profano, num mesmo espaço eleito para a manifestação da fé religiosa, que quando não em momentos hieráticos está sujeito à profanação, mesmo que isso não diminua a importância solene da Praça 13 de Maio.

Deste modo, os objetivos levantados para este estudo foram alcançados mediante pesquisas bibliográficas, que explicam a relação entre sagrado e profano, e documentais, que contam a história por trás do tradicionalismo que mantém ardente a chama da religiosidade inerente à comunidade negra tijucana, que em face de sua riqueza cultural e estética encanta até mesmo os céticos.

II CONGRESSO ÉTNICO

RACIAL

DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



Acredita-se que este artigo possa contribuir para o tema estudado, senão por destacar sua importância na história religiosa de Ituiutaba-MG, ao menos por despertar o interesse de acadêmicos e pesquisadores por esta aventura cultural de riqueza imensurável, que reflete a identidade religiosa e cultural do povo tijucano, sobretudo, da comunidade negra.

Mas ao que compete a esta pesquisa concluir, verifica-se na Praça 13 de Maio sua função social enquanto espaço de lazer, e característica função religiosa enquanto espaço do sagrado fundado sob os pilares da fé e da resistência de um povo que não se acovardou diante da segregação racial de outros tempos. Assim, os limites entre o sagrado e o profano parecem se confundir no decurso da história, mantendo a lembrança da Praça como espaço do sagrado.

Referências

PREFEITURA DE ITUIUTABA. Decreto n. 449, de 29 de dezembro de 1997: Declaração de utilidade pública dos terrenos da Praça 13 de Maio.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano: A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LUNDQUIST, John M. O templo: mitos, deuses e mistérios. Madrid: Del Prado, 1997.

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. Corpo: território do sagrado. São Paulo: Loyola, 2000.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Espaço e Cultura na Religiosidade Afro-Brasileira. Ituiutaba-MG: Barlavento, 2015.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço e Religião: Uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, 1996.

SARACENI, Rubens. Código de Umbanda. São Paulo: Madras, 2008.

TOMAZ, Laycer. Da senzala à capela. Brasília-DF: Editora da UnB, 2000.

VERGER, Pierre Fatumbi. Orixás: deuses iorubas na África e no Novo Mundo. São Paulo: Corrupio Comércio Ltda., 1981.